

O PIAGA

PERIODICO LITTERARIO, CAIXEIRAL E NOTICIOSO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Comprender o infinito, a immensidade,
E a natureza e Deus.....
G. Dias.

Sem illicções, sem fé—nublado, como,
O presente e o porvir.
G. Dias

GERENTE—AUGUSTO O. DE MORAES GUIMARÃES

REDACTORES—DIVERSOS

EXPEDIENTE

Edição Especial

O PIAGA

AMORDAÇANDO

Acabamos de ler no 2.º numero da intitulada revista—«Meridional»—que tem publicidade no Rio de Janeiro, uma mixórdia com pretensão a critica, na qual, ineptamente—desabridamente, bestialmente, se procura abucanhar a reputação não só litteraria como individual do festejado comediographo maranhense Arthur Azevedo.

A guiza de cão a ladrar á lua, que não pôde aboccar, o pestilento rabiscador que acode pelo nome de Fuão da Silva, atira-se aos lações das botas do notavel jornalista, bem como aos de vultos eminentemente consagrados pelo saber, illustração, como sejam os benemeritos maranhenses Senador Benedicto Leite, e Monsenhores Luiz Britto e Guedelha Mourão.

Como os corvos a farejarem podridão o quadrupede escoiceador da *Meridional* procura, nas lapides selladas pela fama, onde jazem Gonçalves Dias e Odorico Mendes, atirar a lama que lhe corre nas veias e que tão peçonhento o torna aos olhos de gente limpa.

Convençido na sua ignorancia crassa, de faz rã boa figura, o vacalhão de que só para amaciar lhe o pello vimos de tratar, tem a pouca vergonha, senão des-

plante de garoto assalariado, de, affectando maneiras de entendido, sujar o papel com uma *lenga-lenga* do jaez da que aqui vamos transcrever: «.....o Maranhão, fecundo sempre, viu nascer em sua capital, lá para as bandas do cemiterio de S. Pantaleão, do Cutim ou da ladeira do *Quebra bundas* esse portentoso que, não ob tante foi obrigado a expulsar do seu seio a ponta-pés»

O' escurcão de quem ao menos cursou as primeiras letras da lingua materna, não vês que o relativo *que tem como antecedente logico o substantivo portento*, com que designaste Arthur Azevedo, o que quer dizer que conforme a tua meia-lingua, teremos este dislate inqualificavel: Arthur Azevedo—o portento—, teve de expulsar de seu proprio seio, a ponta-pés !...

Olha, imbecil, tem sempre em mente o conselho que te vamos dar: deixa o officio, vae para os campos de Minas, onde certamente engordarás o physico com o capim das asneiras com que tanto te regalas.

No vergel florido da grammatica, das letras, é que nada arranjaras, que se não coaduna com o paladar estragado dos Lovelaces e dos D. João Tenorios, o prato bem cuidado da expressão vernacula.

Aos garanhões, teus semelhantes, só ha um prazer na vida: o de dar patadas a quem perto lhes passa; e, sem que procuremos citar a tua *brilhante* carreira, o desideratun dos teus instinctos, deixemos que lá te avehnas com o lote de bestas, de que és incontestavelmente a mais coiceira.

DE FERRÃO...

Ha dias tive a infelicidade de ler o n. 2 d'a *meridional*, que vem recheiada de insulsos e parvoicos escriptos.

Nada, porém, prendeu-me tanto a attenção como uma noticia sobre os *Contos Ephemeros*, d' nosso talentoso conterraneo Arthur Azevedo, rabiscada por um tal j. da silva (?)

Confesso, leitores, que fiquei nervoso com o purgante que tomei lendo aquelles disparates, que só podiam ter sido formulados no cerebro d'um cavallo bronco e doido.

—Que blasphemia ! exclamei eu ao terminar a leitura da enfadonha e pretenciosa noticia. Este homem é maluco, não ha duvida. Pois é assim que se faz a apreciação de um trabalho litterario ? insultando o seu auctor e seus patricios?...

E não me foi possível dizer mais. Sahi, fui desabafar-me contando o caso ao meu amigo Adalberto, espirita decido, que sempre me salva n'essas occasiões, em que fico atacado dos nervos.

—Ora deixa te de tolices, disse-me elle, depois de estar inteirado do facto. Isto explica-se facilmente.

—Esse j. da silva é meu conhecido antigo: além de ser doido passa os dias bebendo nas tavernas, é filho de preto e bastante desfructavel. Ainda não é tudo: Existiu outr'ora lá nos confins da Galliza um frade amalucado que tinha um burro cego e surdo. Pois bem, esse burro, que era bem burro e mal sabia comer e dormir, morreu, e o seu espirito, segundo santas informações que acabo de obter, encarnou-se n'uma massa podre que, tendo vida, tomou o nome de j. da silva.

Então voltei para casa muito incomodado e, d'ahi a algum tempo, as folhas d'a *meridional*, depois de fazer algumas escalas, chegavam ao mar pelo cano de exgotto.

S. Luiz, 22 de Maio de 1899.

H. Britto



Ao fulano J. da Silva ou S. A.

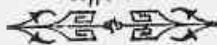
Eu, o mais humilde de todos os maranhenses, vou tambem erguer o meu

fraco protesto contra a audacia canina do sr. J. da Silva ou S. A., miseravel embusteiro, que não trepidou em atassalhar a honra de homens illustres e mo o mavioso e lyrico poeta orgulho da nossa Athenas, Gonçalves Dias ! como o extraordinario Odorico Mendes e outros tantos, verdadeiras glorias do berço onde nasceram e cuja memoria devia ser abençoada por todos.

Ah ! miseravel rabiscador de linhas, porque não escolhes dentre os vivos a quem lances os teus insultos para que possas ter a resposta conveniente ? Porque vaes e-colher de preferencia aquelles que não te podem replicar para sob e elles atirar a lama putrida e nojenta gerada por um cerebro desequilibrado e immun-do, em que a massa encephalica foi substituida por um charco onde se revolvem na mais horripilante promiscuidade os vermes da podridão !

Para um homem como tu ó asqueroso J. da Silva ou S. A. ! que prega contra a humanidade inteira, alcunhando-a de imperfeita para julgar-se o unico a perfeçoado deveriam ja ter sido abertas as portas de algum hospicio.

Afonso Fernandes



Ao publico

A consciencia me ordena e cumprio um dever.

O publico já deve ter apreciado a traição contra um morto, o sentimento baixo e possimo que guarda n'alma barbara e impedernida o nobre redactor da Revista A Meridional, o sr. j. da silva; sentimento este ainda mais baixo do que o cynismo da meretriz depravada e infame, no alienado gozo de suas terriveis conquistas, insultando a nobre e limpa sociedade.

Emquanto a inspiração e o lyrismo de Gonçalves Dias e de outros gigantes-cos vultos sobem ás glorias divinas e orgulhos elevados, esse individuo desce até á estupidez e á brutalidade.

Quem és tu creatura vil, para atirares nas faces orgulhosas dos maranhenses, essa hofetada sem mão, sem bases e sem provas ?

Só de um cérebro desequilibrado e de comprehensão estúpida; só de um raciocínio de bronze excessivamente expesso, é que podem soar n'um peito inconsciente palavras tão offensivas e insultuosas. Oh! grande monstro!! não encontraste outro thema para as columnas da *Revista que sabiamente rediges*, senão o que toca a celebridade do Graude Vate Brasileiro?!!!

Um irmão que procura desmoralisar os outros, revela o mais nojento sentimento.

Se contemples a estatua de G. Dias e litaes bem, estou plenamente convencido que cabirás de joelhos a seus pés, pedindo-lhe perdão do insulto monstruoso que irreflectidamente tu lhe dirigiste. Vem para cá, afim de praticares tão nobre acção, digna de louvores e applausos, e ouvirás neste bello quadro a voz da consciencia que dir-te-á: Meu Deus, que bello arrepenhimento!!

Origenes Coqueiro.



AO TAL FUÃO J. DA SILVA DO RIO

«...—E tentas, louco,
Recordar o passado,
Transformando o prazer que desfructaste,
Em lentas agonias?!

GONÇALVES DIAS»

Não!... Não acreditamos, não, que ahí, na grande capital da nossa Republica, onde se concentram os bellos talentos, a flor fina e mimosa da litteratura nacional possa existir individuos de sentimentos tão baixos, que não trepidam em assignar de vez emquando, tão execraveis banalidades; não, não acreditamos!...

Tu, pobre louco, que pelas misérias da vida, foste obrigado a desnortear pelas veredas ingratas da infamia; tu, escriptor de triste figura, que provaste ignorar completamente a nossa Historia; tu, que não comprehendes, ao menos de leve os deveres, que a boa sociedade impõe aos homens, voltes, alma pusillanime, a tua hedionda guarida, como os vermes nojentos e ascorosos aos immundos paues... Antes, porém, ouve-nos, que apesar

de não quedarmo-nos a responder o teu chacoteio não podemos dispensar-te de ouvir estas coisas, porque—«se julgaste haver experimentado as emoções violentas do Condor, goza em tempo o fôco lethargo do molusco».

Felizmente, meu charlatão, ao leres estas lihas, talvez, que já estejas mais moralizado; pois, para chamarem-te aos cumprimentos de homem de bem temos ahí, onde para vergonha habitas, homens de sentimentos elevados, cujos caracteres jamais serão atingidos pela peçonha ascorosa e immunda que suppuzeste atirar sobre a nossa terra. Seria melhor que nunca passasse por teu lugubre bestanto tão triste persuasão...

Bolir com este gigante, que repousa orgulhoso sobre os laureis que seus illustres filhos dignamente lhe tem conquistado, é arremessar-se contra o Brazil inteiro, e um braz leiro, que se tenha em conta de alguém, não se atreve a tanto; por isso farias bem se nunca te lembrasses de deixar o logar que tão sabiamente occupas no Largo do Rocio, para provocares este leão, que é o orgulho do Norte!

Para traz, reptil... Voltes, com a tua chufa, para o antro das tuas misérias, de onde, um dia, tentaste fugir, porque a imprensa não abriga chocarreiro. A missão da imprensa é outra que ainda não pôde ser comprehendida pelos espiritos mediocres. Para os homens como Valentim Magalhães, Olave Bilac, R. Correia, Coelho Netto, A. Azevedo e muitos outros grandes, ella é e sempre será uma nobre instituição um sacerdocio caro, em quanto que nas tuas mãos—ella será sempre um phantasma, uma tentação diabolica, que te conduzirá ao abysmo desde que para conquistares reputação aspiras a «destruir a dos outros»; foge... porque se de Gonçalves Dias e Odorico Mendes não tens o troco de tanta audácia, ainda terás de nós outros a justa reprezalia.

Antonio Gonçalves Dias, fallecido a 3 de Novembro de 1864, no naufragio do «Ville de Bologne», este vulto preeminente que soube elevar o nosso Brazil ao mais elevado gráo de desenvolvimento, ós teve um rival e esse rival sabes quem

foi?... foi Domingos J. Gonçalves de Magalhães essa outra gloria que tambem bastante trabalhou pelo engrandecimento da nossa litteratura. Um guarda o Norte e outro defende o Sul... Por conseguinte, não são passadas tres gerações, meo casmurro... enfim, se levas esta lavagem, não é pelo que escreveste, é simplesmente para não queres, outra vez, abuzar da nossa paciência com bestidades dignas dos teos seguazes.

Basta!... Sirvam estas linhas, ao menos, para dispartarem te da triste lethargia em que cahistas, já que pela distancia não podemos protestar como devíamos, porque crentes mesmo que esse teu embroglio de asneiras só tenha produzido effeito nos teos quitaes, nesses que professam a mesma seita descommunal e tacanha da ociosidade em que te enxafurdaste, não podemos deixar desapercibidas tão bellas galanterias...

São fructos da epocha...

S. Luiz—1899.

M. GEORGE GROMWELL.



Maranhenses

Lendo a Revista «A Meridional» do Rio de Janeiro, deparei um conjunto de infamias, assignado por um tal J. da Silva, que com phrases dignas de seu nome pretende insultar bruscamente a alguns conterraneos nossos, dentre elles cita os nomes de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Arthur Azevedo, Senador Benedicto Leite e Guedelha Mourão; por tanto, eu como joven maranhense, não posso deixar calado o nome desse bugre infame, pois, só assim o posso chamar; não respeitando os mortos, mesmo na campa os tentou ferir, e, se assim o fez foi porque talvez julgasse que em Maranhão não existissem mais admiradores desses geniaes talentos.

Bandido, garanto-te que se Gonçalves Dias fôsse vivo e tu pisasses no solo maranhense, nós te obrigariamos a beijar-lhe os pés, pois com tudo isso, não pagarias o que acabas de praticar.

Mocidade maranhense, a vós recomendo o nome desse miseravel, desse biltre infame, desse cão leproso, finalmen-

te, desse desmiolado, que pretendeu, sem motivos, manchar o nome de homens illustres, e entre elles, torno a citar o do burilador dos «Timbyras» que foi e será a eterna gloria de nosso querido Maranhão.

Avante conterraneos, e sobre o monumento desses grandes mortos façamos o nosso juramento de eterno odio ao profanador do nosso torrão natal.

Augusto O. de Moraes Guimarães



J. DA SILVA

DA REVISTA—«A MERIDIONAL»—

Essa vibora pegonhenta, esse cão damnado a uivar sedento no sepulchro de nossas glorias, perturbando-lhe o silencio da morte e a morder tanta gente boa; está provado, a hydrophobia o atacou e para sanar a bilis venenosa dessa molestia canina—*bôlas de sêbo*—e não dar-lhe trôco porque o seu contagio ser-se-*nos* a pernicioso.

Não estamos acostumados sr. Silva a dar ouvidos aos cães que ladram e nem tão pouco às fêmeas regateiras que batem moedas de bronze nas tabernas em continuo tagarellar, po que seriam inuteis os nossos esforços a alimentar chiméras e perdido o nosso latim a convencer beócios, filhos do apedêutismo e das paixões sem regras.

—Fallar de Maranhão, seu Silva, da Athenas brasileira, do bôrço illustre de Gonçalves Dias—o sublime cantor dos Timbyras, de Odorico Mendes—o Homero brasileiro—de João Lisboa—o immortal do *Timon*—de Gomes da Soisa, de Sotêro dos Reis, de Trajano Galvão, de Franco de Sá, de Joaquim Serra de Marques Rodrigues, de Celso de Magalhães, de Henrique Leal, de Gentil Braga, do Padre Castello Branco, de Arthur Azevedo, de Coelho Netto, de Raymundo Corrêa e outras summidades litterarias que ali se fazem conhecer, não por contos de fadas, mas, pela realidade dos feitos; é puramente o cumulo do vandalismo, da infamia e da paixão desbragada de querer ferir a tudo e a todos, sem o mi-

nimo conhecimento da verdade, sem o mínimo requinte da correção portugueza, em linguagem descomedida e por a. propria de um pedagogo da roça.

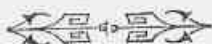
Não devemos lhe responder, sr. escriptor de uma liga, o estúpido que o faz delirar, o mórbido do inconsciente pode prejudicar-nos, as suas palavras immundas atiradas ao Maranhão são tantos côcos de cavallos tentando debalde flagellar o mármore de nossa historia.

—Qual seu futricas! —limite-se na sua insufficiencia e continue a latir... os cães famintos divagam á toda hora pelas praças, portanto seria inutil, pelo avançado numero, arrefecer-lhes a fome.

Ha poucos meses lemos em uma das folhas diarias dessa capital, na columna do registro de obitos:—«F... mordedura de cão hydrophobo.»—Ouvio?

Por isso—«O Piaga» não lhe poderá dizer mais nada.

Bidico Rodrigues.



J. da Silva e F. Pacheco

Como brasileiro e muito mais como maranhense, que me honro de ser, não pude guardar silencio ante o audaz procedimento dos infames detractores J. Silva e F. Pacheco que na revista «A Meridional» do Rio, tão trepidaram n'um momento, sem duvida de rancor e inveja—em offender a Maranhenses distinctos, não respeitando até a cinza dos mortos.

Homem—homens não —bestas feras— em taes condições, não tem consciencia, não tem patria nem familia, são cousas nullas, sem brio, vis, baixos, infames, que causam acoia quem d'elles se aproxima ou mesmo só lhes pronuncia os nomes

O Maranhão, essa terra privilegiada, que tem sido o berço de tantos brasileiros illustres, ser tão vil e estupidamente offendida por tão péstilentos animaes.

Causa nójo, revolta, e, aquelles que isso fazem são piores que um cão leproso, sim, porque esse ainda merece compaixão e os ignorantes e insignificantes J. Silva e F. Pacheco, indicam que são duas cousas indignas e desprezíveis que desconhecem até as leis da civilidade. Desprezo, pois, e odio de morte á tão vis miseraveis, á esses sandeuses indecentes, deve ser a retribuição do Maranhão.

Em Maio—99

J. Belfort

Anathemasisit

A infamia é o ultimo recurso dos despeitados: a calumnia é a peor recommendação das almas mesquinhas.

Ha pessoas tão infames e tão mesquinhas que chegam a gabar-se superlativamente de suas pessimas qualidades, e senão vejamos: appareceu nas columnas da «Revista Meridional» organ de publicid de fluminense, um artigo, pasquim ou que peor nome tenha, firmado por um tal J. da Silva, cujo artigo prendeu sobremodo a nossa attenção, e átravéz do seu estylo, tivemos ensejo mau grado, de apreciar até onde pôde chegar a indignidade de um homem.

O tal sr. Silva, tanto é indigno como arrajado!

Que se ataque quem está sobre a terra, que se morda aquelles que podem curar-se da mordedura, que se insulte aquelles que podem puaír ou de prezar os insultos é toleravel: porem, descer-se ás profundezas aos mares, e phacelar-se a lapida de um tumulto guarda de despojos inestimaveis, é o que não podemos admitir, é contra o que protestamos; uma vez que se pretenda enbodoar memorias saudosas empregando-se para isso a nojeita pegonha de vibora mordaz.

Gonçalves Dias e Odorico Mendes, litterato de taberna, jamais serão alcançados pelo teu bote traçoero.

Benedicto Leite, Monsenhor Mourão, A. Azevedo, etc, são vultos tão eminentes, que para estarem ao abrigo de tua pegonha não precisamos mais do que citar os seus nobres e aureolados nomes!

Prosegue bandido na tua interminavel faina, certo de que os vultos que vimos de citar e outros que por ventura tenhas atacado ou pretendas, te saberão dar o desprezo a que fizestes jus.

Para avaliarmos o quanto és pessimista, não precisamos te conhecer, pois toda a tua pessimidade transparece no brinde que fizestes á «Revista Meridional».

E' um bom meio de criar nome, não ha duvida, no entretanto parece-nos que a posteridade te glorificará, depois de pagares com avida as injurias que atiraste contra homens de reputação firmada e em nome dos quaes te devolvemos intactos.

Maldicto sejas.

Pedro A. dos Santos

Maio—1899,